

A EXPERIÊNCIA DO USO DA METODOLOGIA QUALITATIVA NO ASSENTAMENTO NOVA CONQUISTA – SP

Ana Lúcia Teixeira¹

Prof. Dr. Carlos Alberto Feliciano²

Resumo

O artigo tem por objetivo dissertar sobre o uso de metodologias qualitativas nos estudos sobre assentamentos rurais, em especial sobre o assentamento Nova Conquista localizado no município de Rancharia – SP. O assentamento possui 104 lotes e foi criado em Dezembro de 1998, as principais metodologias utilizadas foram: pesquisa documental, pesquisa bibliográfica, entrevista, observação participante, história oral e cartografia social. As metodologias foram trabalhadas em suas complementariedades de modo que realizamos reflexões sobre a necessidade dos estudos sobre as técnicas, os sujeitos pesquisadores e os sujeitos pesquisados.

Palavras-chave: Metodologia, Assentamentos Rurais, Pesquisa.

Introdução

A região denominada Pontal do Paranapanema tem em seu cerne uma história de luta pela terra. O desmatamento da cobertura vegetal (Mata Atlântica) a partir de 1960 tinha por objetivo o desenvolvimento da atividade pecuária, grileiros e posseiros extinguiram duas das três reservas florestais criadas pelo governo estadual na década de 1940 (Lagoa São Paulo e Pontal) resistindo bravamente aos ataques, principalmente de grileiros, apenas a reserva Morro do Diabo.

Na invasão de terras devolutas transformando-as em terras privadas ocorreu o predomínio dos grileiros (que utilizaram muitas vezes violência também contra posseiros) visto que hoje observamos ainda o predomínio dos grandes latifúndios na região. A prática da grilagem foi ampla no Pontal (falsificação de documentos) e com o uso da força através de jagunços ou por outros métodos, como compadrio político, garantiu-se uma intensa concentração de terras na região em que os grilos Pirapó-Santo Anastácio e

¹ Doutoranda do programa de pós graduação em geografia – FCT/UNESP. Email: ana.lucia.teixeira@hotmail.com.

² Professor do departamento de geografia da FCT/UNESP. Email: cacafeliciano@gmail.com

a Boa Esperança do Água Pehy foram as fazendas que deram origem as outras propriedades griladas (LEITE, 1999).

As primeiras ocupações de terra pelo MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) ocorreram em 1990, sendo que em 1995 a região ficou conhecida nacionalmente devido ao maior número de ocupações do país. De acordo com Fernandes (1999) em janeiro de 1993 ocorre a primeira conquista do MST na região, com vitória em relação à fazenda Santa Clara. Desde então, muitos assentamentos foram criados na região e boas pesquisas foram realizadas por instituições como as universidades públicas por exemplo, sobre os mais distintos aspectos que envolvem desde a luta pela terra até a luta para permanecer na terra.

A partir do referido contexto desperta-se a necessidade de buscar metodologias que visem compreender de uma forma mais próxima os temas e processos que envolvem a questão agrária na região.

Neste sentido, o presente trabalho tem por objetivo dissertar sobre o uso de metodologias qualitativas nos estudos sobre assentamentos rurais, em especial sobre o assentamento Nova Conquista localizado no município de Rancharia – SP. O assentamento possui 104 lotes e foi criado em Dezembro de 1998, as principais metodologias utilizadas foram: pesquisa documental, pesquisa bibliográfica, entrevista, observação participante, história oral e cartografia social.

Por uma análise da teoria

Uma das dificuldades e necessidades do pesquisador (a) é buscar uma interface com outras áreas da ciência, na questão da metodologia qualitativa a geografia procura expandir e construir conhecimento junto com disciplinas como antropologia e sociologia. Oliveira (1996) revela que é preciso problematizar nas disciplinas sociais (em especial na antropologia) o “Olhar, o Ouvir e o Escrever”, pois de acordo com o autor são “faculdades” ou “atos cognitivos” que nos parece tão triviais que não direcionamos a eles a devida importância. Destarte temos que,

[...] enquanto no Olhar e no Ouvir disciplinados – a saber, disciplinados pela disciplina – se realiza nossa percepção, será no Escrever que o nosso “pensamento se exercitará da forma mais cabal, como produtor de um discurso” (OLIVEIRA, 1996, p.15).

Segundo Oliveira (1996), no exercício de investigação ouvir e olhar não podem ser tomadas como totalmente independentes. O autor destaca a “domesticação teórica do olhar” ressaltando que seja qual for o objeto de pesquisa ou sujeitos pesquisados estes não escapam de ser “apreendidos pelo esquema conceitual da disciplina formadora de nossa maneira de ver a realidade”, assim acrescentamos à tríade “Olhar, Ouvir e Escrever” do autor, o Ler. A leitura atenciosa da teoria nos permite perambular pelos labirintos das temáticas e merece todo cuidado por permitir ao pesquisador (a) acessar múltiplas formulações para assim construir suas próprias reflexões (OLIVEIRA, 1996, p.15).

O ato de Escrever (como parte fundamental e síntese da pesquisa) é compreendido pelo autor como algo que deve ser exercitado fundamentalmente no gabinete, pois suas “características o singularizam de forma marcante, sobretudo quando o comparamos com o que se escreve em campo, seja ao fazermos nosso diário, seja nas anotações que rabiscamos em nossas cadernetas” (OLIVEIRA, 1996, p.22).

Adentramos as metodologias pela análise da diferença entre pesquisa bibliográfica e pesquisa documental, sendo que na pesquisa bibliográfica o material consultado já é reconhecido dentro do domínio científico, ou seja, é a contribuição de outros teóricos sobre o tema pesquisado (livros, periódicos, artigos, teses, dissertações, monografias etc.). Na pesquisa documental a busca por conhecimento se dá a partir da análise de documentos que não receberam tratamento científico como: relatórios, fotografias, gravações, filmes, cartas, jornais, revistas etc.

A observação participante é uma técnica que tem origem na Antropologia Social e foi na Escola de Chicago que tomou importância através dos trabalhos de Robert Park que incentivou seus alunos a estudar pela observação, mais precisamente pela observação dos fenômenos sociais em mudança nos períodos de 1920 a 1930 em Chicago (MAY, 2004).

Footo Whyte escreve em 1943 o livro “Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada”, uma obra fundamental quando buscamos compreender a prática da observação participante, pois além da pesquisa o autor ainda se dedica em seus anexos a fazer uma reflexão sobre a construção da metodologia anunciando num primeiro momento a dificuldade de encontrar leituras para indicar a seus alunos sobre este modo de produzir conhecimento. Para além dos temas tratados no livro

como: organização das gangs, juventude e bairros pobres consideramos que as reflexões sobre a observação são primorosas.

A versão da obra no Brasil é traduzida da edição comemorativa de 50 anos do lançamento do trabalho e o próprio Whyte enriquece o material com anexos que vão desde comentários sobre a obra até o depoimento de um dos sujeitos pesquisados.

O autor revela alguns pontos importantes como a necessidade do observador de elaborar uma explicação sobre seu trabalho para os sujeitos pesquisados, mas que por vezes a melhor explicação são os próprios sujeitos que constroem. Outra questão fundamental verificada em Corneville (local de estudo do autor) é a necessidade de ter apoio dos indivíduos chave de qualquer grupo ou organização estudada (FOOTE WHYTE, 2005, p.301).

Em seus anexos o autor revela suas inquietações em relação as perguntas durante a observação e afirma que, “é preciso aprender quando perguntar e quando não perguntar, e também que perguntas fazer”, pois uma questão de conteúdo profundo direcionada a um sujeito que o pesquisador mantém uma relação menos íntima pode gerar constrangimento (FOOTE WHYTE, 2005, p.303).

Uma imersão total no sentido de ter o comportamento parecido com os dos sujeitos pesquisados é desnecessário de acordo com Foot Whyte porque em sua pesquisa verificou que era necessário apenas que ele fosse amigável. Nesse sentido revela que, á medida em que se tornava aceito por seu grupo pesquisado tentou se tornar bastante agradável para que as pessoas sentissem prazer em vê-lo novamente ao mesmo tempo em que afirma ter buscado influenciar o mínimo possível os sujeitos (FOOTE WHYTE, 2005, p.305).

Com os relatos de sua experiência o autor nos revela as dificuldades de desenvolver a observação participante, mas também revela as vantagens ou contribuições deste tipo de metodologia para a pesquisa, pois verifica que por vezes nas entrevistas não conseguia respostas satisfatórias e na observação as respostas sempre se apresentavam naturalmente.

A técnica da entrevista foi uma das estratégias de produção da informação utilizadas no assentamento Nova Conquista. Os autores Colognese e Mélo definem entrevista como “processo de interação social, no qual o entrevistador tem por objetivo a obtenção de informações por parte do entrevistado” (COLOGNESE; MÉLO, 1998,

p.143). De acordo com Oliveira (1996, p.19), a entrevista é um ouvir especial, “mas, para isso, há de se saber ouvir”.

Colognese e Mélo (1998, p.143) realizam uma classificação das variações de entrevista: “quanto à padronização, à natureza das informações coletadas, aos informantes, aos possíveis níveis de controle e aos tipos de roteiro de entrevista”. No que se refere à padronização evidenciamos a entrevista não diretiva ou não estruturada (utilizada com objetivos exploratórios, estruturação reduzida ao mínimo com o mínimo de interferência do entrevistador), a entrevista semi diretiva ou semi estruturada (formulação de perguntas realizadas com antecedência, com participação mais ativa do entrevistador e a possibilidade de adicionar perguntas ao roteiro) e a entrevista padronizada ou estruturada (tanto formulação quanto sequência das perguntas são previamente determinadas, a liberdade do entrevistador é limitada e as respostas permitem uma maior comparação e quantificação).

De acordo com os autores no que concerne à natureza das informações temos a entrevista oral (utilizada para a obtenção de informações sobre processos sociais como no caso da História Oral, não apresenta questões rigidamente pré fixadas com participação ativa do entrevistador e registro das informações através de gravação) e a entrevista escrita (semelhante ao questionário e os próprios entrevistados podem preencher as respostas na ausência do entrevistador) (COLOGNESE; MÉLO, 1998, p.146).

Quanto aos informantes os autores afirmam que pode ocorrer a entrevista individual (quando os entrevistados respondem individualmente as questões do entrevistador é a forma mais comum de entrevista) e a entrevista grupal (é uma técnica semelhante à discussão em grupo, pois é realizada com um grupo de entrevistados que respondem as questões simultaneamente para o entrevistador), (COLOGNESE; MÉLO, 1998, p.146).

Quanto ao nível de controle evidenciamos a entrevista informal (utilizada como técnica exploratória que tem por objetivo o estudo sobre determinados temas que podem ou não ser explorados em futuras entrevistas, o entrevistado pode sugerir temas de seu interesse) e a entrevista formal (é realizada a partir de um roteiro de entrevista e visa a produção de informação na fase informativa da pesquisa) (COLOGNESE; MÉLO, 1998, p.147).

O roteiro é parte fundamental de toda entrevista e para os autores a preparação deste é uma tarefa complexa que depende da problemática de pesquisa e tem por objetivo direcionar tanto entrevistador quanto entrevistado. Quanto ao roteiro temos o roteiro específico (apresenta perguntas fechadas, abertas ou semi abertas, pode ter a mesma apresentação física de um questionário) e o roteiro contextual (não apresenta especificamente perguntas, mas tópicos orientadores é mais utilizado em pesquisas que tem por objetivo reconstruir processos sociais) (COLOGNESE; MÉLO, 1998, p.148).

Quando nos deparamos com as dificuldades de realizar uma entrevista de qualidade nos detemos à importância de nos preocuparmos com a participação do entrevistado, pois se já foi trabalhado o roteiro, se o entrevistador já realizou as devidas reflexões sobre seu material e sua postura torna-se fundamental pensar sobre o entrevistado.

De acordo com Lodi (1977, p.18) em seu livro “A entrevista: teoria e prática” o entrevistado traz motivações que são favoráveis e desfavoráveis sobre sua participação na entrevista. Sobre as motivações favoráveis, que são as mais complexas para se refletir, o autor revela que o altruísmo (o desejo de ajudar outra pessoa), a busca por satisfação emocional (quando a entrevista é um momento oportuno para exprimir opiniões) e a satisfação intelectual (quando a entrevista trata de um tema que o entrevistado considera dominar) são as principais motivações para que os sujeitos contribuam com a prática da entrevista. Destarte, Lodi (1977) afirma que o entrevistador deve estudar os fatores que motivam o entrevistado se devotando as seguintes questões:

1. Quais são as características inerentes ao entrevistado e que tornarão a entrevista uma experiência gratificadora? Altruísmo? Satisfação emocional? Satisfação intelectual?
2. Como podem as experiências anteriores do entrevistado influir em sua percepção do entrevistador e da entrevista?
3. Existem circunstâncias pessoais que podem influenciar a entrevista? Quais delas são periódicas, quais são previsíveis e quais são idiossincrasias?
4. Que exigências a entrevista fará sobre o entrevistado em termos de tempo, assunto e nível de profundidade? (LODI, 1977, p.18-19).

Estas questões podem ser aplicadas também para pensar sobre a História oral, que consiste em mais um instrumento de produção da informação que trabalhamos e para tecer as considerações a respeito desta técnica, utilizaremos Meihy (2002), que nos revela que a História Oral se apresenta “como forma de captação de experiências de pessoas

dispostas a falar sobre aspectos de sua vida. Quanto mais elas os contarem a seu modo, mais eficiente será seu depoimento” (MEIHY, 2002, p.51).

No que concerne à História Oral, Meihy (1994, p.53) assevera que é preciso definir e estudar os conceitos da referida metodologia. Três elementos são fundamentais para a técnica, sendo eles: depoente, gravador e pesquisador, pois trata-se não apenas de um arquivo de gravação, mas também da elaboração de um documento.

A História Oral nasce depois da Segunda Guerra Mundial quando já havia certo desenvolvimento dos meios eletrônicos tornando possível a elaboração dos arquivos e documentos. De acordo com Meihy (1994),

História Oral é pois mais do que uma conversa mediada pelo gravador. História Ora deriva de um método complexo e arrola particularidades que vão desde a organização de um projeto até o compromisso de publicação do texto devolvido à comunidade imediata que o gerou e a seu contexto mais amplo. É exatamente na importância delegada à elaboração do texto como documento que a História Oral difere de outros trabalhos ligados a entrevistas (MEIHY, 1994, p.55).

O autor define três ramos da História Oral, sendo eles: História Oral de Vida, História Oral Temática e Tradição Oral. A História Oral de Vida refere-se ao ato de registrar e gerar documento da experiência pessoal do depoente, em que as gravações são em sua maioria longas com o objetivo de captar a experiência vivencial do sujeito, para tanto é necessário realizar uma “entrevista livre”, ou seja, sem questionários ou perguntas diretas, a individualização também é destacada pelo autor como fundamental, pois cada depoente é tratado como um caso específico (MEIHY, 1994, p.56).

Já a História Oral Temática “esta mais vinculada ao testemunho e à abordagem sobre algum assunto específico”, ela aborda questões que tem um caráter mais objetivo, externo, factual e temático diferindo da História Oral de vida que trata de forma aberta e livre impressões e as subjetividades (MEIHY, 1994, p.57).

Considerada também como uma variante da História Oral, a Tradição Oral esta atenta “as transmissões do arcaico, percebe o indivíduo enquanto um veículo da transmissão de mitos e tradições antigas “ que na maioria das vezes não corresponde ao momento vivencial do depoente” (MEIHY, 1994, p.57).

De acordo com Meihy (1994) se tomarmos por referência a utilidade da História Oral temos que a metodologia divide-se em História Oral Híbrida e História Oral Pura. No que concerne à História Oral Híbrida esta “trata-se da conjugação da coleta de

depoimentos combinada com outras fontes, nesta situação, a História Oral cumpre um papel, digamos, complementar”. A História Oral Pura “cuida apenas de testemunhos e obedece à valorização única do que foi dito”, o autor esclarece que alguns trabalhos deste ramo são malvistas por parecerem na concepção de alguns, pouco críticos, mas há muitos adeptos à História Oral Pura (MEIHY, 1994, p.60).

O autor revela que o ramo da História Oral mais aceito é a História Oral Temática Híbrida que por equiparar o depoimento aos documentos escritos dispõe de maior respeitabilidade. A crítica que Meihy (1994, p.60) faz a esse tipo de mescla é que pode produzir uma neutralização das fontes e a inutilidade de ir até o depoente já que tem as informações no documento.

Segundo o “Centro de Estudios Sociales” a cartografia social “es una metodología de investigación participativa que invita a le reflexión, organización y acción alrededor de um espacio físico y social específico” (Centro de Estudios Sociales, 2011, p. 06). Sinthia Cristina Batista (2014), em sua tese “Cartografia Geográfica em questão: do chão, do alto, das representações”, utiliza a técnica da cartografia para realizar mapeamentos comunitários no assentamento Roseli Nunes.

Santos (2016) discorre sobre a diferença marcante entre a cartografia oficial (desenvolvida por cartógrafos e geógrafos) e a cartografia social (desenvolvida numa construção coletiva entre pesquisadores e sujeitos mapeados). Recuperando parte da construção do conhecimento na geografia o autor expõe as concepções de alguns geógrafos sobre a função histórica da cartografia voltando-se para a análise das divergências entre a cartografia tradicional e a social.

De acordo com Santos (2016) a concepção de geografia e conseqüentemente dos conhecimentos cartográficos na escola alemã, cujo autor protagonista é Friedrich Ratzel expressa questões referentes ao imperialismo e o projeto estatal alemão,

Essa concepção de geografia e, conseqüentemente, de conhecimentos cartográficos voltados para fins de interesse do estado é contraposta pela “cartografia social”, pois busca um processo de construção dos mapas a partir dos grupos sociais como forma de romper com o modelo militarizado de mapear para dominar, uma vez que os agentes sociais possuem papel importante na sua construção (SANTOS, 2016, p.279).

Embora as ideias de Paul Vidal de La Blache da escola francesa viessem a se contrapor as construções de Ratzel, os mapas continuaram sendo elementos fundamentais

de controle e de estratégias sob posse dos “profissionais capacitados” que realizavam sua elaboração e do estado, que mantinha desde aquela época um interesse especial nesse tipo de conhecimento. Assim,

Podemos perceber que as escolas mencionadas possuem concepções diferentes, porém, a prática é semelhante, pois trabalham a ideia do conhecimento geográfico e do conhecimento cartográfico, os quais são construídos unicamente pelos cientistas, sem que os grupos sociais pudessem participar com seus saberes. Estes grupos sociais são frequentemente iguados a elementos meramente naturais (SANTOS, 2016, p.282).

A cartografia social surge então contrapondo a cartografia tradicional propondo novas práticas cartográficas em que o mapa é o resultado da interação entre pesquisador e sujeito pesquisado, em que os pesquisadores possuem diversas formações não sendo necessariamente cartógrafos ou geógrafos. A prática de construção coletiva requer uma interação prévia com a comunidade, numa troca de conhecimentos de modo que o pesquisador possa compreender um pouco as questões sociais, econômicas ou culturais que envolvem os sujeitos da pesquisa e estes possam aprender as técnicas necessárias para a elaboração dos mapas. As questões são problematizadas, principalmente o uso dos resultados dos mapeamentos por diferentes sujeitos políticos, assim como a postura ética dos pesquisadores.

Compreendemos num primeiro momento as principais contribuições e as dificuldades de se trabalhar com cada uma das metodologias: pesquisa documental, pesquisa bibliográfica, entrevista, observação participante, história oral e cartografia social. Cientes de que trabalhar cada uma delas isoladamente demandaria um aprofundamento e espaço que não poderíamos contemplar aqui, objetivamos trabalhar com elas em suas relações e como a relação entre elas foi construindo a referida experiência de pesquisa.

A metodologia qualitativa em campo

Mais do que coleta de dados a pesquisa qualitativa trata da produção de informação e por não referir-se aos sujeitos de nosso campo como objetos e sim referir-se a eles como sujeitos pesquisados é que compreendemos a necessidade de tomarmos uma postura reflexiva sobre as nossas pesquisas e especialmente sobre o modo como

lidamos com metodologias que exigem uma proximidade muito grande com os referidos sujeitos. Muitos pesquisadores cometem o engano recorrente de pensar que para desenvolver um projeto de sucesso tem-se que traçar estratégias que tem por objetivo conhecer primordialmente o sujeito pesquisado. Acreditamos que essa é uma segunda etapa do projeto, a primeira etapa é sempre uma reflexão da identidade do sujeito pesquisador e desmistificar o entendimento de parte dos cientistas de que a pesquisa é e deve ser neutra.

A ciência é despida de neutralidade já no momento em que o pesquisador escolhe seu tema de pesquisa. Umberto Eco (1983) revela que o primeiro passo para escolher um tema de pesquisa é refletir quais os temas com os quais o pesquisador se identifica. Se as orientações do autor parecem nortear os pesquisadores na difícil tarefa de escolher quais os caminhos pelos quais trilhar, nos dá margem para fazer um exercício oposto e partir desta proposição para afirmar a intencionalidade dos teóricos e, portanto a ausência de uma neutralidade.

Por que a pesquisadora que vos escreve decidiu trabalhar com assentamentos rurais e com gênero?

Esta é uma questão que exemplifica as reflexões propostas neste artigo e a resposta revela já uma intencionalidade. A pesquisadora nasceu e cresceu no espaço rural e conheceu as questões que envolvem gênero muito antes da teoria quando sua educação e criação foi realizada apenas por sua mãe. Quando entra na faculdade e se depara com a possibilidade de estudar a questão agrária, a estudante escolhe as problemáticas que despertam sua curiosidade desde criança. Em que medida nos identificamos com nosso tema de pesquisa?

Muitas vezes nossos temas de pesquisa nos acompanham desde a infância, as indagações realizadas na adolescência, o espaço (rural ou urbano), as relações sociais vividas em períodos anteriores ao desenvolvimento de nossos projetos são fundamentais para direcionar o interesse do pesquisador (a) para uma linha de reflexão. É comum graduandos que vieram do espaço urbano despertarem interesse por pesquisas ligadas à esse espaço, assim como os alunos oriundos do rural buscam os temas ligados a este espaço. É obvio que a situação descrita não é uma regra, por diversos motivos ocorre também o oposto, mas o importante é observar como os pesquisadores escolhem seus temas a partir de uma identificação pessoal.

Saber quem é o sujeito pesquisador, idade, sexo, opções políticas (etc.), são questões que influenciam diretamente o processo de produção de informação, na medida em que a referida produção se dá na relação entre todas as partes envolvidas na pesquisa, desde o sujeito pesquisador até o sujeito pesquisado. Portanto, a tarefa do exercício da investigação nunca é solitária para quem trabalha com as metodologias qualitativas, muitas mãos são responsáveis pela conclusão de uma monografia, dissertação ou tese.

A complexidade do assentamento Nova Conquista oferecia uma diversidade de temas que poderiam ter uma identificação com a pesquisadora. Todavia, nos primeiros anos da pesquisa era necessário conhecer o espaço e as lutas que deram origem a ele. A busca pela origem da luta auxiliou na construção do objeto de pesquisa, a pesquisa documental a partir de jornais no acervo DATALUTA ajudaram a identificar os sujeitos e agentes do processo que resultou no assentamento. Depois de identificar os possíveis colaboradores para a reflexão nos dedicamos a conversas interessadas para melhor compreender a luta e os sujeitos que participaram dela.

No que concerne à observação participante, o planejamento inicial previa permanecer por uma semana na residência de cada família que entramos em contato totalizando quatro famílias distintas. Alguns problemas ocorreram ainda na fase dos contatos com parte das famílias e sentimos a necessidade de mudar o planejamento e assim permanecer o tempo de observação contínuo em contato com duas famílias. Buscamos duas famílias que aparentemente apresentavam um bom relacionamento com a comunidade no geral, pois sabíamos que nossa imagem seria concebida pelos sujeitos pesquisados a partir do que eles pensavam sobre as famílias que nos apresentariam à comunidade.

Como revelou o professor Nécio Turra Neto certa vez numa ocasião de aula, na pesquisa precisamos até de um pouco de sorte e nossa pesquisa foi “contemplada” com famílias que tinham um ótimo relacionamento com os demais do assentamento, o que propiciou o contato e conversa com todos os que poderíamos encontrar.

Quando chegamos na primeira família preocupados em explicar da melhor forma do que se tratava a pesquisa conversamos sobre muitos detalhes. Todavia, a própria família formulou uma explicação para a nossa presença ali e substituíram minutos de apresentação apenas por “essa é a professora Ana e ela vai fazer um trabalho sobre o pessoal aqui do assentamento”. A primeira família era composta por um casal de meia

idade que tinha três filhos (duas mulheres e um homem) todos já haviam constituído família e moravam no assentamento Nova Conquista, mas apenas a filha mais jovem reside com seu marido e filhas dentro do lote dos pais numa moradia feita para eles.

Os titulares da primeira família foram fundamentais para a pesquisa, pois estavam sempre muito dispostos a nos acompanhar e durante 10 dias residindo com eles fizeram um esforço para que conhecêssemos o maior número de famílias possível. O titular do lote ao longo de sua jornada como acampado e posteriormente assentado sempre foi empregado como motorista de ônibus (seja de linha, escola ou usina), por isso conhecia não apenas todos os lotes e seus titulares, mas também a geração jovem do Nova Conquista. A observação foi numa época tranquila para a família em termos de trabalho dentro do lote o que também propiciou muitas entrevistas.

Na segunda família permanecemos por 5 dias, nesta família os titulares eram pastores de uma igreja evangélica localizada no assentamento vizinho chamado Nova Vida. Essa família nos proporcionou informações distintas, pois o titular foi por um tempo presidente da associação de produtores de leite do assentamento Nova Conquista e nos propiciou um olhar sobre essa organização, além de evidenciarmos os contatos com os sujeitos do assentamento Nova Vida e Chico Castro Alves.

Os registros das informações eram realizados no final do dia por meio da técnica do diário de campo, onde no final da noite as informações eram escritas e associadas à fotos e documentos levantados.

A realização das entrevistas está diretamente ligada a observação participante já que foram realizadas em sua grande maioria no período de observação. No que se refere ao planejamento das entrevistas começamos com o contato com alguns assentados durante a feira de produtores no município de Martinópolis e as referidas conversas junto com a leitura do PDA (Plano de Desenvolvimento do Assentamento) e ainda a bibliografia sobre a metodologia propiciaram uma reflexão que resultou na escolha do tipo de entrevista semi – estruturada, oral, individual e formal. O tipo de roteiro escolhido foi o contextual, com tópicos orientadores como por exemplo, organização do lote e políticas públicas.

As famílias que nos acompanharam propiciaram informações prévias sobre os entrevistados ressaltando algumas questões que os sujeitos poderia tratar com propriedade, por exemplo, quando a entrevistada era a presidente da associação de hortas

e foi a fundadora da organização. Quando ocorria do entrevistado ter informações privilegiadas sobre determinado tema tratávamos logo de adaptar o roteiro de modo a aproveitar a disponibilidade do conteúdo.

As entrevistas eram realizadas em diversos espaços desde o conforto das salas e varandas das residências até a realização durante os passeios pelo lote, pois ao mesmo tempo que a conversa ocorria, os sujeitos mostravam os detalhes do lote, como jardim, pomar, pasto etc.

As conversas da História Oral ocorreram antes das entrevistas formais com os sujeitos que participaram da luta pela terra, portanto, dos acampamentos que precederam o assentamento. O objetivo das entrevistas da História Oral era reconstruir a história de luta dos assentados, por isso utilizamos a História Oral Híbrida já que combinamos os depoimentos com outras fontes (fotografias e jornais, por exemplo) e utilizamos a História Oral Temática já que o tema era “luta pela terra”.

A metodologia por “fazer recordar” momentos tão delicados e sofridos dos sujeitos pesquisados produziu documentos incríveis e ricos em detalhes com histórias de causar comoção. O objetivo de utilizar a História Oral era dar voz aos sujeitos para que na pesquisa eles mesmos pudessem contar essa etapa de suas vidas com pouca interrupção da pesquisadora.

A cartografia social exige um planejamento e o conhecimento prévio da comunidade e do espaço a ser representado, a observação participante e as entrevistas auxiliaram no planejamento da cartografia, pois sabíamos que o domingo a tarde era um bom momento porque algumas famílias dedicavam esse período para o descanso e lazer.

Todos os detalhes deveriam ser pensados porque reunir um grupo era tarefa complicada devido as muitas atividades a que eles se dedicavam. Assim adquirimos os materiais: cola, caneta, lápis de cor, lápis de escrever, papel sulfite, cartolina, régua e mapas plotados para colorir. Além dos materiais, nos preocupamos com a alimentação do grupo naquela tarde providenciando lanches e sucos. Depois de organizar as condições básicas (espaço, material e alimentação) nos dedicamos a reflexão com o grupo a respeito dos elementos introdutórios para a compreensão de um mapa, abordamos a questão das legendas, escalas e título e ainda conversamos sobre os croquis e as atividades que deveriam ser realizadas.

Devemos nos atentar sempre para o nível de familiaridade que os sujeitos tem com o material de apoio (lápiz, régua etc.), para auxiliar os que apresentavam maiores dificuldades convidamos netos ou filhos para apoiar seus pais e avós na confecção dos croquis.

Croquis individuais sobre os lotes foram produzidos e ao final da reunião nos dedicamos ao mapa plotado do assentamento, assim utilizando cores distintas e símbolos os camponeses puderam indicar a atividade de trabalho principal de cada lote, os lotes de titulares que adquiriram o espaço por meio de compra e ainda os lotes que tem assentados que trabalham em alguma atividade fora do assentamento.

A pesquisa bibliográfica oferece parâmetros para o planejamento da observação participante que exige uma organização prévia por parte do pesquisador. Já no momento da observação esta tem a necessidade de explorar alguns temas observados no dia a dia através da entrevista, que por sua vez encaminha a pesquisa para a história oral devido a necessidade de se conhecer a história dos sujeitos pesquisados. Depois de desenvolver as referidas metodologias surgiu a necessidade de representar todo o material e a elaboração de mapas tradicionais não parecia atender a demanda de um povo que conquistou seu território através da luta. Assim, a cartografia social surge para complementar as demais técnicas e para que os próprios sujeitos pudessem elaborar suas próprias representações de seu território.

Considerações finais

Nossas conclusões caminham para o alerta sobre a necessidade do pesquisador travar num primeiro momento a busca pelo auto – conhecimento, o sujeito pesquisador deve refletir sobre às suas práticas e compreensão da identificação dele com o tema que desenvolve. Num segundo momento compreendemos que é fundamental que o referido sujeito realize um estudo sobre as metodologias que poderia utilizar e a partir daí escolher quais seriam as “aparentemente mais adequadas”.

Falamos em “aparentemente” porque no decorrer da pesquisa por vezes sentimos a necessidade de inserir outras metodologias para dar conta de tratar da problemática escolhida, nesse sentido estudar um conjunto de metodologias para dar auxílio na compreensão do momento em que uma técnica demanda a utilização de outra, além do

fato de que conhecer as metodologias e as experiências de outros pesquisadores na utilização delas permite que deixemos de cometer erros já relatados pelos teóricos.

E finalmente, não poderíamos deixar de mencionar uma terceira dimensão da pesquisa que é tão fundamental quanto o auto – conhecimento do pesquisador e o estudo sobre as técnicas é a compreensão a respeito do sujeito pesquisado e essa compreensão é indissociável da reflexão sobre o sujeito pesquisador. O modo como nos interessamos e tratamos nossos sujeitos pesquisados reflete a maneira como realizamos as reflexões sobre nós mesmos e sobre nossas técnicas de pesquisa.

Referências Bibliográficas

BATISTA, S.C. **Cartografia geográfica em questão: do chão, do alto, das representações**. Tese de doutorado – Programa de Pós Graduação em geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: HUCITEC, 1999.

CLIFFORD, J. Culturas viajantes. In: ARANTES. A. A. (org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papius, 2000. p. 50-79.

COLOGNESE, S. A.; MÉLO, J. L. B. de. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 143-159, 1998.

CENTRO DE ESTUDIOS SOCIALES. **Tierra e Derechos em aguas turbulentas: aportes metodológicos para la construcción de cartografias sociales**. Bogota: Merlin, 2011.

DE DECCA, E. S.. As desavenças da história com a memória. In: SILVA, Z. L. da (Org.). **Cultura histórica em debate**. São Paulo: EdUNESP, 1995.

ECO, U. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1983.

FERNANDES, B. M. **M.S.T: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: formação e territorialização em São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1999.

FOOTE-WHYTE, W. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, A. Z. (org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p.77-86.

FOOTE-WHYTE, W. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

LEITE, J. F. **A ocupação do pontal do paranapanema**. São Paulo: Hucitec, 1999.

LODI, J.B. **A entrevista: teoria e prática**. 3.ed. São Paulo: Pioneira, 1977.

MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

MEIHY, J.C. S. B. **Manual de História Oral**. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2002. 246 p.

MEIHY, J.C. S. **Definindo História Oral e Memória**. Cadernos CERU, N.05, Série 2, 1994, p.52-60.

OLIVEIRA, R.C. **O trabalho do antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever**. Revista de Antropologia, v. 39, n.1, 1996, p.13-37.